

SOCIABILIDADE E FÉ NOS CAMINHOS DO SÃO MARCOS: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS COMUNIDADES RURAIS AFETADAS PELA USINA HIDRELÉTRICA SERRA DO FACÃO

ANDERSON APARECIDO GONÇALVES DE OLIVEIRA*

CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB**

RESUMO: O presente artigo refere-se à pesquisa de Iniciação Científica FAPEMIG, projeto: HUM20/2009, desenvolvida durante o período vigente de março de 2010 a fevereiro de 2011, pautando-se de uma reflexão sobre a manutenção da sociabilidade pelo viés das festividades rurais nas comunidades afetadas pela UHE Serra do Facão (Catalão, Campo Alegre de Goiás, Cristalina, Ipameri, Davinópolis - no estado de Goiás e Paracatu, em Minas Gerais). Buscamos aqui compreender a Sociabilidade pela ótica de sua dinâmica cultural, ou seja, a partir dos vínculos sociais, da fé e devoção aos santos protetores, além de práticas de ajudas coletivas e experiências como: as pamonhadas, as cavalgadas, as “treições”, os mutirões, as demãos, dentre outras. E, em conjunto com tais práticas culturais, surge à tentativa de compreensão de como os grupos sociais rurais reinventam e (re) adaptam seu cotidiano, (re) construindo, dessa maneira, suas histórias regados de sentimentos de perdas e incertezas devido a instalação da barragem no Rio São Marcos, na região sudeste do estado de Goiás.

PALAVRAS CHAVE: Festas, Memória, Sociabilidade, Religiosidade e Narrativas.

INTRODUÇÃO

As múltiplas formas de sociabilidades¹ dentre elas as festas e a religiosidade estão intimamente ligadas aos processos de efetivação das pertencas identitárias dos sujeitos sociais. Nas comunidades rurais, os laços culturais se reforçam e se redimensionam por meio das práticas como as novenas aos santos de devoção, das festas de roça, dos mutirões, das demãos dentre tantas outras. Nessa lógica, entender

¹ Sociabilidade é compreendida, segundo CANDIDO, 1982, como sendo as relações entre as pessoas, o desenvolvimento de trabalhos coletivos, levando-se também em consideração as relações festivas, sejam elas religiosas ou não, ou seja, a amizade e a cooperação são partes fundamentais para entendermos tal definição, denominada ainda como “cultura caipira” por Antônio Candido.

como esses atores sociais se interagem, atualizam, concebem e recriam as manifestações culturais próprias do seu universo cotidiano é o que nos moveu nessa pesquisa.

Nesse viés problematizamos como os sujeitos concebem esses espaços como lugares de sociabilidades, de ruptura momentânea com a lida diária e de conexão com o sagrado². Essas celebrações possuem um sentido dinâmico em que as relações sociais se tecem em contato num universo coletivamente construído. Essa dinamicidade é fruto da efetivação das práticas de religiosidade, do conagração e do agradecimento por uma boa colheita ou pedido para que a mesma seja melhor no próximo ano e, se materializa ainda no cotidiano, através dos espaços de trabalho onde a lida é compartilhada, os encontros estabelecidos e a gratidão intensificada.

Esses momentos são também o de encontrar amigos, vizinhos, “compadres”, enfim, espaços onde as alegrias se sobrepõem as dificuldades da vida. Lugares aonde os sujeitos exercitam o calor coletivo da afetividade, da ajuda mútua, do compartilhar as dificuldades do outro, as conquistas, as vitórias e juntos, buscarem também o agradecimento e os pedidos por dias melhores. Esse espaço de vivência, lugar de muitas memórias o qual privilegiamos é o das comunidades rurais da área afetada pela Usina Serra do Facão, principalmente os moradores do município de Catalão, no estado de Goiás, e da região em seu entorno, englobando: Davinópolis e Campo Alegre de Goiás.

Essa pesquisa é conseqüência das inquietações, das percepções e discussões calorosas que tivemos, participando do Projeto de Pesquisa realizado de 2008 a 2010 dentro do Programa de Preservação Histórico-Cultural, pesquisa essa intitulada: “*Caminho da memória, caminhos de muitas histórias*”, de levantamento histórico-cultural das comunidades afetadas pela UHE Serra do Facão, realizada por uma equipe interdisciplinar de docentes, pesquisadores convidados e alunos da UFU Uberlândia-MG e Ituiutaba-MG.

O foco foi o de perceber como essas comunidades vivenciam suas práticas culturais, como foram reelaborando e reinventando saberes e fazeres e estabelecendo vínculos de apego ao lugar, além de procurar compreender como lidavam com as

² São variadas as definições de sagrado. O termo é entendido como as muitas formas de expressão da religiosidade dos grupos sociais. “A palavra Sagrado constitui uma das dimensões fundamentais da vida religiosa e designa uma área ou conjunto de realidades (seres, lugares, coisas ou momentos) que de certa forma estão separados do mundo profano comum, manifestando um poder superior e podendo ser abordados apenas ritualmente”. Consultar: <http://www.knoow.net/ciencsocioishuman/filosofia/sagrado.htm>

transformações e as sensações de perda e incertezas com a chegada da barragem à região. Destacamos que, no contexto de cada comunidade, percebemos que foi se constituindo em “marca” cultural, característica das comunidades privilegiadas na pesquisa, levando em consideração a relação desses sujeitos com o lugar vivido e com o universo rural. Assim, pudemos entrever pelas histórias de vida desses moradores e, agora, nessa pesquisa, afinar a tentativa de compreensão da dinâmica cultural da região e analisar como as sociabilidades se moldam de acordo com que cada grupo partilha histórias e vidas.

A pesquisa com financiamento da FAPEMIG nos possibilitou refletir melhor sobre como as festas se concretizam no universo rural; quais as formas de sociabilidades incentivadas nas comunidades e como cada indivíduo ou comunidade expressa as diversas formas de materialização da cultura local. Dentro dessa lógica, refletimos sobre qual(is) o(s) significado(s) dessas práticas culturais para a manutenção dos vínculos de pertença identitária com o lugar e como isso ajuda a lidar com o sentimento de perda mediante a inundação da região com a chegada da barragem.

MATERIAL E MÉTODOS:

As fontes utilizadas são provenientes do acervo gerado através do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural UFU/SEFAC e dentre eles, banco de entrevistas, imagens e fontes coletadas durante todo o trabalho de campo. Foram analisados nos referidos depoimentos, narrativas de vida e entrevistas, a história das festas e sua significação, na tentativa de compreender a sociabilidade também como importante mecanismo de sociabilidade entre as comunidades rurais afetadas pela UHE Serra do Facão e como contribuem para a manutenção cultural da comunidade.

A ida a “campo” nos proporcionou uma experiência muito rica. Fomos muito bem recepcionados pela maioria dos afetados, os quais nos recebiam em suas casas regados a café, queijo fresco, pão-de-queijo bem quentinho ou biscoito de polvilho frito na hora, expressando a cordialidade das famílias em relação ao sentido que o bem receber tem nas suas vidas.

E foi justamente em meio a um cafezinho e outro que conversamos, ouvimos histórias e causos, que presenciamos os ressentimentos, a dor da partida, as inquietações

de ter que deixar a região ou perder os vínculos de vizinhança ou tecer outros ficando sempre a dúvida de como reinventar essas relações frente aos novos vizinhos. Esses sujeitos são pessoas simples que tem um apego muito forte com o lugar e que conhecem como ninguém a região se interagindo com as plantas e animais, pois a roça plantada, o gado criado e a horta mantida, é em grande maioria extensão da residência de moradia, pois gostam de interagir com a terra a qual lhe dá o sustento e proporciona tantas histórias felizes.

Nesse processo investigativo, portanto, aliamos a prática da pesquisa com o arcabouço teórico, resultante dos encontros proporcionados pelo grupo de pesquisadores e pelas reflexões posteriores realizadas entre orientador e orientando. Pudemos vislumbrar as muitas possibilidades de diálogo, de relacionar o universo rural e as distintas comunidades, o que nos possibilitou construir uma interpretação dialógica que esses sujeitos e com suas práticas sociais. Direcionamos outros olhares para as diversas interpretações da realidade social, pois conforme nos sugere Mendes (2005):

Ao elaborar um referencial teórico, procura-se também reconhecê-lo no mundo real. Esse novo universo de representações – construído através do cotidiano dos moradores das comunidades rurais com a simplicidade de pessoas comuns, de pessoas que fazem à história – é incorporado num conjunto de idéias sistematizadas, nas quais a teoria, o ponto de vista do pesquisador e o objeto se unem, tornando-se eternamente vivas. Nessa perspectiva, a teoria é o caminho para conhecer e compreender os muitos manifestos e representações. Aqui, cabe ainda outra ressalva, por maior que seja o envolvimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, por mais criterioso que sejam seus procedimentos de análise, as verdades produzidas, ainda, assim, serão parciais. (MENDES, 2005, p.171)

Durante nossa visita à região pesquisada percebemos importância que as festas têm para as comunidades, sejam elas meramente festivas ou religiosas. E, além das reflexões teóricas, percebemos que a palavra falada foi muito significativa nesse processo de leitura da realidade, propiciando refletir sobre os espaços de sociabilidade rural e seus muitos sentidos tendo a festa como referencial. Esses momentos foram lidos como espaços de (re) construções da cultura local, dos saberes e fazeres dos sujeitos e de seus grupos sociais. Seguindo essa lógica, os vemos como sendo (re) significações

culturais cujas práticas histórias e/ou tradicionais, permitem aos agentes sociais reafirmarem sua relação com a localidade e se fazerem pertencentes a ele. Sendo assim podemos pensar que o processo de construção dessa relação é tecido pelos sentimentos de pertença ao lugar, como uma tradição que movimenta os sentidos do viver em comunidade. Sendo assim,

Pensamos em tradição, não como restos do passado, exótico ou estático, mas algo que em construção, sendo (re) significada e (re) criada pelas pessoas. Nesse viés, a tradição é a argamassa que permeia as experiências de vida de homens e mulheres que ainda têm como referência práticas culturais populares fundadas na sociabilidade comunitária. (MACHADO, Maria Clara T., 2010. p. 293)

São inúmeras as lembranças em torno das práticas culturais; são muitas as formas de (re) criação e de (re) adaptação estabelecidas em meio à “chegada da modernidade” e transformações do tempo, dentre elas, as variadas formas de comemoração festiva, várias delas as que (re) alimentaram as memórias e as lembranças dos moradores quando nos relatavam as práticas culturais vivenciadas, muitas (re) elaboradas pelas comunidades para continuarem existindo. Outras, esquecidas no tempo e não mais realizadas, demonstrando que o caráter festivo-devocional da região se modifica de acordo com os grupos sociais aonde eles acontecem.

RESULTADOS

As festas no Brasil têm um sentido muito fluido. Festejar é bem mais que uma mera comemoração. É uma prática que entrelaça vivências, experiências entre muitos outros fatores que se englobam no que chamamos de “Festa”, como bem afirma Amaral (2008). Podemos, portanto, em meio a esse viés, entender o papel das comunidades rurais no processo organizacional e participativo das festividades no universo rural onde se recria, entrevedo pelos modos de festejar, de se comunicar, ou seja, formas de sociabilidades coletivas e integradoras. Uma festa para se concretizar necessita de uma organização mínima, onde cada pessoa da comunidade possui um papel importante na sua preparação. É nesse momento que o exercício da ação coletiva ou mútua estreita os laços de afetividade e de pertencimento ao lugar.

Os diversos festejos mapeados nesse universo rural tem na festa em louvor a São Sebastião, no mês de janeiro um marco cultural dessas comunidades, pois não há na região quem não seja devoto do santo e a ele rende homenagens. Essas misturam outras formas de celebrações, fruto da herança do catolicismo rural como: a Folia de Reis, a Festa Junina, dentre tantas outras que se mesclam e se interagem nos festejos de São Sebastião na região sudeste de Goiás. Nas comunidades pesquisadas as celebrações em torno de São Sebastião é alegrada pela presença dos foliões, geralmente são os mesmos que participam das Foliias de Reis e que nesse dia fazem o giro (andanças) pela região onde a festa em louvor ao São Sebastião ocorre. Ela é uma síntese das celebrações que ocorrem entre o natal e o ano novo em homenagem ao Menino Jesus. Outro diferencial das comemorações a São Sebastião é que acontece em apenas um dia ou são feitas as tradicionais novenas e junto delas seguem-se nove dias de festa que mescla o lado sagrado e o profano. São Sebastião é bastante comemorado pelas comunidades rurais pelo fato de ser ele o protetor da plantação e dos animais segundo o imaginário popular. Não só na hagiografia católica como nas religiões de matriz africana ou nas suas reinvenções São Sebastião é sincreticamente o deus das matas e da natureza. A representação de São Sebastião na Umbanda, por exemplo, é Oxossi, orixá das matas e médico da natureza, em fim, seja no catolicismo popular, ele simboliza a proteção do que é vivo ou mantêm o homem antenado a necessidade de referendar a manutenção da natureza como sinônimo de manutenção da própria vida.

Diante dessas muitas possibilidades, pensamos aqui as festas como pertencimento ao lugar ou até mesmo como forma de manutenção de vínculos de amizades e convívio em comunidade. Pois, geralmente, nos grupos rurais não são encontrados apenas vínculos consangüíneos, como também de compadrio, amizade, enfim, viver em comunidade representa viver em harmonia e muitas vezes, exercitar o trabalho mútuo entre os moradores de uma determinada região, independentemente do tamanho da terra ou da distância em que se encontra uma propriedade da outra é o que é mais significativo e constituinte das características desse lugar. São justamente as ajudas mútuas como a “Treição”³ e o Mutirão⁴, além da fé e de outros espaços de

³ A *treição* compreende o trabalho e ajuda mútua. Quando uma das pessoas da comunidade está com o serviço atrasado ou muito que fazer várias pessoas se reúnem para ajudá-la na empreitada. Entretanto, o dono do lugar aonde irá ocorrer a *treição* não sabe o que vai acontecer e é pego de surpresa com foguetes e cantorias antes do raiar do dia, e geralmente, após todo o serviço pesado, passam para o “pagode”, um divertimento para quem trabalhou o dia todo. A pessoa que recebeu a “treição” ou

sociabilidade, que mantém muitos grupos coesos e prestativos um com o outro. Até porque o morador sabe o que a ajuda representa e a necessidade que ela tem para o estreitamento dos laços com a vizinhança. Todas essas práticas terminam sempre com uma festividade. O trabalho vem sempre acompanhado de muita música, fartura e diversão.

No caso das festas rurais, essas são tão significativas para os moradores do local, quanto para toda a comunidade. Não há quem não rememore o passado se lembrando da sua participação nas comemorações rurais ou não estejam com suas vidas atreladas às relações de sociabilidade da região. Muitos casamentos são fruto dos encontros e trocas de olhares concretizados durante a realização de festividades. Em meio à fé, vem a alegria, o “pagode” e a comilança. Olhares se entrecruzam; paixões surgem e ressurgem e a vida se realimenta de sensações e desejos. Exemplo disso é o caso do Senhor. José da Luz Pires, o qual começou a namorar sua atual mulher em uma das festas em louvor a São Sebastião. Ele nos conta que:

“[...] Ela tava lá na festa [Festa de São Sebastião – Fazenda Pires – Catalão-GO], e eu nessa época eu tava trabalhano em Catalão né, trabalhano na COPERBRÁS né, aí eu tava dano bobera lá tamém e encontrei ela lá né, aí lá que nois começo a namorar e tamo junto até hoje... [...]” (José da Luz Pires - Fazenda Pires / Catalão-GO). “[...] Muita, muita festa de casamento e esse também era uma festona e não fazia sem festa. Todo casamento tinha festa. [...]” (Helena Rosa de Mesquita – Comunidade do Varão / Davinópolis – GO)

O senhor José da Luz nos relata a festa como espaço de encontros, se remetendo a boas lembranças de um tempo vivido, de um tempo de alegria e até mesmo de muita fé, onde algumas dessas recordações estampam as lembranças revividas, as memórias realimentadas e aguça o exercício dos relembramentos do que se viveu e dos frutos dessas vivências. É nessa perspectiva que o senhor Sebastião Pereira da Silva nos relata

traição oferece sempre um farturo almoço e muitos comes e bebes à noite, embalados por muita musica e arrastapé.

⁴ O mutirão também se refere ajuda mútua entre vizinhos ou membros da comunidade, só que é algo já acordado com o dono da propriedade ou a convite do próprio.

as suas lembranças sobre uma outra prática que exprime momento de conagração coletivo também bastante comemorado na área pesquisada que são as cavalhadas⁵ :

“[...] Naquela época você montava o cavalo, juntava os cavaleiros assim e ia lá pra Campo Alegre, tinha época que tinha 100 cavaleiros. Cheio de gente brincando, tinha dia que dava aquela chuva. Molhava tudo. Chegava molhadinho, quando chegava enxugava, enxugava a noite inteira, era bom demais. [...]” (Sebastião Pereira da Silva – Rancheira / Campo Alegre – GO)

Outra forma de sociabilidade é o jogo do truco. Ele se realiza durante os preparativos de uma festa, nos encontros familiares, nas pausas de descanso do domingo e, até mesmo durante muitas festas de santo padroeiro. Toda comemoração tem um ritual específico que referenda sua importância para os moradores do lugar. Em muitas delas os momentos, de diversão vem atrelado ao da oração. A fé é expressa nas chamadas novenas, como as que acontecem no município de Catalão, Davinópolis e Campo Alegre em Goiás, que homenageiam São Sebastião. Ou durante todo o calendário que antecede a realização dos festejos com as preparações, as reuniões com as comissões organizadoras, movimentando o lugar para a culminância da festividade dias depois.

A dinâmica festiva não se restringe ao dia de sua realização, obtendo todo um caráter organizacional até o dia festivo. Os festeiros são uma parte fundamental para entendermos toda essa estrutura. Nas festas rurais pesquisadas existem três maneiras de se escolher a pessoa que terá de organizar a festa no ano seguinte. A primeira delas é a partir de um convite prévio. A segunda se refere a pessoas que pedem para ser festeiros como uma forma de pagar alguma promessa ou agradecer ao santo homenageado as graças alcançadas. Por fim e não menos importante, a maneira mais tradicional e quase não encontrada nos dias de hoje, é o convite surpresa.

⁵ As cavalhadas diferem-se, neste contexto, das encontradas no município de Pirenópolis-GO, a qual é uma festividade que representa a batalha, em um campo aberto, entre cavaleiros cristãos e mouros. Na região pesquisada cavalhada, também é popularmente conhecida como “cavalgada”, representa o momento em que pessoas se reúnem e caminham determinadas distâncias em virtude de uma celebração religiosa, para referendar o encontro entre amigos, aniversário da cidade ou como procissão e demonstração de fé a algum santo padroeiro.

“[...] Isso ai é assim, por exemplo, se eu mais a Nilda for festeira hoje nos vai entregar a festa, ai nos conversa com que nos chama, convida e tal. Caladinha e passa pra aquela outra pessoa de surpresa. E muita das vezes é de surpresa. Outros já combina, conversa direitinho, se aceita ou não.[...]” (Nilda Jacinta Rosa / Davinópolis – GO)

Aqueles que são “escolhidos” para serem os festeiros recebem a bandeira do santo ou uma flor simbolizando a transição entre festeiro atual e o próximo. Entretanto, a pessoa “escolhida” não pode recusar o “convite”. Mas é claro que eles não irão trabalhar sozinhos, pois terão o auxílio dos “juizes”, como também de toda a comunidade. Os juizes possuem um papel pré-definido dentro da organização da festa, enquanto os festeiros coordenam a solicitação de patrocínios; os juizes de prendas percorrem toda a comunidade atrás de produtos ou animais que possam ser utilizados durante a alimentação de quem estiver trabalhando nos dias festivos e principalmente para os leilões que ocorrem durante a prática festiva.

Encontramos juizes responsáveis por funções muito específicas como o responsável pela construção da fogueira que iluminará e aquecerá a festividade; o juiz de bandeira que orna e guia a mesma para ser erguida no grande mastro, juiz de adorno responsável pela equipe de decoração do espaço, entre muitos outros que somam forças em conjunto com os festeiros para que a festa seja realizada com sucesso. Essas são práticas de sociabilidades que movimentam a realização desses encontros festivos e aproximam a comunidade, deixando-a mais unida e envolvida com a coletividade.

“[...] Juiz, começa assim oh. É pra ajudá a fazer a festa né, pra fazer fogueira... o juiz de prenda de bandeja leva um frango assado, uma banda de leitoa, qualquer coisa já é prenda né. Esse é o bandejeiro né. Tem o juiz de fogos também né... leva fogos pra festa, pra ajuda o festero né? [...]” (José da Luz Pires – Fazenda Pires / Catalão - GO)

A preparação no dia do festejo antecede as atividades noturnas e a lida é dividida para além das divisões de sexo. Homens e mulheres executam tarefas uníssonas e, às vezes, o pesado, o grosso é de responsabilidade da mulher e os homens ficam com a parte organizacional. A maioria das festas que encontramos inicia com a limpeza do espaço pelas mulheres e crianças. Em seguida, os homens vão fazer os trabalhos braçais

como: levantar a fogueira, jogar água na estrada pra baixar a poeira, pegar madeira para o forno ou fogão a lenha, entre outras atividades incumbidas a eles. Na Folia de São Sebastião que ocorre na região da Mata Preta em Catalão-GO, são as mulheres que fazem todo esse trabalho, além de cozinhar, enquanto os homens passam de fazenda em fazenda cantando e louvando São Sebastião, juntamente com o grupo de foliões convidado.

No caso da festa da comunidade de Boqueirão de Cima no município de Davinópolis, também no Estado de Goiás, enquanto os homens fazem o serviço “braçal”, algumas mulheres se dirigem para a cozinha, onde preparam o almoço, o café da tarde e o jantar de quem estiver trabalhando na organização da festividade, como também preparam os quitutes e “as prendas” (bandejas de quitutes e salgados) que serão leiloadas, sendo que as demais ficam responsáveis pela decoração do espaço.

Não podemos esquecer que, ao término de suas atividades os homens vão jogar truco e se divertir, enquanto as mulheres continuam no batente. O truco também é uma excelente forma de sociabilidade. Após toda essa preparação, à noite, é chegada a hora da fé e da festa.

O terço ou a missa é que abrem as festividades logo ao anoitecer. O interessante é que em algumas regiões ainda persiste a prática do terço cantado por homens. Alguns cantam e outros respondem. É nesse momento que os moradores da região e os convidados se reúnem em nome da fé e da devoção.

Seguindo ainda o cronograma festivo, após as variadas formas de devoção, como o terço ou a missa, aquela “conversa ao pé do santo”⁶, ou simplesmente um singelo beijo na fita que faz parte da ornamentação do santo homenageado pedindo proteção, as pessoas se dirigem para o salão de festas. Neste espaço a parte festiva acontece. Não podemos esquecer que são nesses momentos que as pessoas irrompem o cotidiano para participar das festas, é o espaço das efervescências em que fé e festa são motores do viver intensamente a própria vida. E cada um usufrui desse espaço ocupando funções distintas como é o caso do leiloeiro.

⁶ “Conversa ao pé do Santo” refere-se ao momento em que as pessoas se dirigem a imagem do mesmo e pedem e agradecem graças alcançadas.

Ele é outro personagem significativo nas festas de roça. Aparece entre uma canção e outra do conjunto musical, incentivando os presentes a arrematarem as prendas, cujo lucro é direcionado a manutenção da própria festa.

As festividades na zona rural, nem sempre são realizadas em locais próprios ou em barracões pertencentes à comunidade. Além da Folia de São Sebastião que é itinerante e o local dos festejos depende da residência do festeiro, as festas ou reuniões festivas ocorrem nas casas dos escolhidos para ocupar o cargo de festeiro do ano. Presenciamos na comunidade Lagoinha em Catalão, que a comunidade deseja fazer as celebrações em homenagem ao Santo da Comunidade, mas se veem impedidos pela falta de um espaço para tal fim, pois perderam o espaço cedido aonde se localizava a capelinha e a quadra de esportes que pertenciam à comunidade, que foi construída pela prefeitura dentro de uma área cedida e que o novo dono não mais permitiu a realização das festas nas suas terras. A Comunidade rural da Lagoinha situa-se na região da fazenda Pires na Cidade de Catalão-GO, onde a Novena em louvor a São Sebastião, que já fazia parte da vida dos moradores desta e de outras regiões acabou como um simples ato de desligar as luzes e fechar as portas para a comunidade, como bem narra a senhora Sebastiana Felix:

“[...] O santo ficou com o último festeiro, as coisa assim, porque tinha panela, prato, fogão... Ele é lá da cidade. [...] [...] O “Fulano” também ficou com um pouco, porque é o dono lá! [...] [...] E a gente luto assim, eu e o Jadir... nós ficamos três meses, toda semana as vezes a gente ia em Catalão duas, três vezes por semana, porque um advogado da prefeitura tomou as dor também: – Não a gente vai lutar e vai resgatar, mais ele não conseguiu... [...] [...] Porque lá não é dele, lá foi doado pra prefeitura mais não tem documento... Não tem papel... Foi doado pela antiga moradora de lá e ela já faleceu. Então a doação é só de boca, não tinha como provar! A gente peleejou mais... [...]” (Sebastiana Felix Simão – Comunidade Lagoinha – Catalão-GO)

Para muitos, as festas em louvor a São Sebastião que ocorriam no referido espaço, iriam acabar. No entanto os membros das comunidades passaram a se encontrar periodicamente nas casas dos próprios moradores, havendo neste momento, segundo Dona Sebastiana, uma união maior entre os mesmos, seja devido ao ocorrido ou pela fé no Santo padroeiro da região. Mesmo que essas reuniões não tenham grandes festas

como as que aconteciam anteriormente, a devoção e principalmente a presença de religiosos em suas casas reforçam os laços com o catolicismo popular e essa coesão entre os membros fica ainda mais forte a cada encontro.

“[...] a males que vem pra bem né... Apesar que eu chorei de mais, eu me emociono até hoje, quando eu vou falar da Lagoinha. Mais foi bom... [...] [...] Porque acabou unindo mais, fazer a força né... [...] As pessoa fica mais unida. Assim... participa mais! [...]” (Sebastiana Felix Simão e Jadir Ferreira Simões – Comunidade Lagoinha – Catalão-GO)

Portanto, a instalação da usina nas regiões afetadas alteraram os laços de pertença e as práticas culturais do lugar, mas a barragem não é a culpada pelo esfacelamento de muitas comemorações, já que algumas acabaram bem antes da chegada do empreendimento. Entretanto, a ruptura com as muitas formas de sociabilidades se efetivaram á medida que as pessoas se mudaram das comunidades indo para as cidades circunvizinhas ou para outras regiões mais distantes.

Com a chegada da usina, os afetados tiveram que se redirecionarem para outras localidades se distanciando dessa maneira de sua família, amigos, compadres, em fim, rompendo com a união das pessoas e com o sentimento de pertencimento daquele local específico. E com isso, algumas das festas tradicionais da zona rural sofrem um grande abalo pela diminuição de participantes, seja pela dificuldade de acesso ou por tais afetados se instalarem em outra comunidade, tentando criar um novo sentido de pertencimento e coesão de grupo.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A pesquisa que realizamos nos fez perceber que a cultura se (re) cria e se (re) adapta para que se torne mantenedora de laços de amizade, de fé e de esperança. Nos permitiu reler, através dos relembramentos dos moradores da região o quão significativo é a manutenção dos laços de pertença com o lugar e neles se inserem as relações de vizinhança, a possibilidade de poder contar com o outro nos momentos difíceis, de poder compartilhar as vitórias e as alegrias. De poder partilhar sonhos e desejos e ajudar na sua concretização.

Quando optamos pelas festas, sobretudo a em homenagem a São Sebastião foi porque vimos nela um rico acontecimento que mescla fé e festa, a partilha e a união, a ruptura com as dificuldades diária em função da manutenção da memória coletiva do grupo. Tudo isso constituinte de um conjunto de práticas culturais plurais que se alicerçam no aperto de mão, no sorriso compartilhado, na força do trabalho doado em função do bem-estar do outro. Nesses momentos a sociabilidade se refaz como sinônimo de alteridade compartilhada, tendo no outro o referencial da troca, da comunhão, sem o exercício da troca intencional, pois como a maioria dos moradores da região dizem: “uma mão lava a outra e muitas mãos fazem a diferença”.

Os espaços de sociabilidades, principalmente os momentos festivos, são o que mais nos chamaram a atenção, pois reforçam tantos sentimentos; referendam tantas buscas e revigoram tantos sonhos, da mesma forma que trazem de volta o passado, os entes queridos que partilharam e ensinaram a partilhar o doce segredo da vida, regado a muita fé, devoção, trabalho e trocas.

Mas o fato é que o festar e o rezar permitem-nos desvelar as múltiplas sociabilidades, os muitos olhares que mesclam a religiosidade popular à introspecção devocional guiadas pelos caminhos dos bailes, dos leilões, da tradição, da fartura, da adoração coletiva e do reinventar as festas com alegria em prol da vida e pelo viver. É claro que cada festa possui suas peculiaridades e revelam os saberes, fazeres e odores da gente que celebra com festa cada dia vivenciado!

Ao nascer do sol ou ao findar da tarde o cotidiano vivenciado pode render, nas comunidades pesquisadas, o calor da oração ou a partilha da palavra sintetizada na palavra união, já que:

“União é a palavra que conduz a força e a garra dessas pessoas a efetivarem como parte de suas vidas e da cultura do lugar essa série de acontecimentos que levam em considerações as práticas, os saberes e muitas histórias. E se reascende o sentido do conagraçamento, pois não há quem não perceba a sua importância para reavivar os encontros e os laços com a comunidade. É por isso que, quando as portas desse universo se abrem, sujeitos e histórias pedem passagem, descortinando um universo rico de representações movidas ao ritmo e aos sons dos batuques, louvações e lembranças. É assim que se festeja e se comemora a vida no sudeste goiano!” (OLIVEIRA, Anderson A. G. de; KATRIB, Cairo M. I. 2010, p. 177)

FONTES

Helena Rosa de Mesquita – Comunidade do Varão / Davinópolis – GO

Jadir Ferreira Simões – Comunidade Lagoinha / Catalão – GO

José da Luz Pires – Fazenda Pires / Catalão – GO

Nilda Jacinta Rosa / Davinópolis – GO

Sebastiana Felix Simão – Comunidade Lagoinha / Catalão – GO

Sebastião Pereira da Silva – Rancharia / Campo Alegre – GO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo - FFFLC, São Paulo, 1998; PRIORI, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994; PASSOS, Mauro (org). *Festa na vida: Imagens e Significados*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In.: CARDOSO; VAINFAS, Domínios da História. Ensaio de teoria e metodologia.

CANDIDO (1982); BRANCALEONE, Cássio. *Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies*. Disponível em: <http://www.iuperj.br/publicacoes/forum/csoares.pdf> Acesso em: 17/11/2009; SIMMEL, George. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Disponível em http://www.4shared.com/get/25428662/d9db292e/As_Grandes_Cidades_e_A_Vida_do.html. Acesso em: 17/11/2009; _____. *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

ELIAS, Denise; SAMPAIO, José Levi Furtado. (organizadores). *Monernização excludente*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

Entrevista com Alessandro Portelli. *História oral e memórias*. In.: HISTÓRIA & PERSPECTIVAS, N. 25 e 26 – jul./dez. 2001/jan./jun. 2002 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Cursos de História e Programa de mestrado em História. p 27 à p 54.

KATRIB, C.M.I. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvou a Nossa Senhora do Rosário (1936- 2003)*. Uberlândia: UFU, 2004. (Dissertação em História)

_____. *Foi assim que me contaram: Recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na festa de N. Srª. do Rosário (Catalão- 1940-2003)*. Brasília: UNB, 2009 (doutorado em História).

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: _____. História e cultura: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-346; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Religiosidade no cotidiano popular mineiro: crenças e festas como linguagens subversivas. História & Perspectiva, Uberlândia, n. 22, jan./jun. 2000; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Pela fé: a representação de tantas histórias. Estudos de História, Franca, v. 7, n. 1, p. 51-63, 2000; MACHADO, Maria Clara Tomaz; REIS, Marcos Vinicius de Freitas. Entre tradição e modernidade, a música de Pena branca e Xavantinho: um elo entre passado e presente. In.: História e cultura popular: saberes e linguagens. Newton Dângelo, organizador. – Uberlândia: EDUFU, 2010.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. A Produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2005.

OLIVEIRA, Anderson A. G. de; KATRIB, Cairo M. I. *Comemorar/festar: sons, batuques, louvações e rememorações*. In.: São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura. Cairo Mohamad Ibrain Katrib, Maria Clara Tomaz Machado, Mônica Chaves Abdala (org.) – Uberlândia: EDUFU, 2010. 300 p.

PASSOS, Mauro. Catolicismo popular: o sagrado, a tradição e a festa. In: _____. Festa na vida: Imagens e significados. Petrópolis: Vozes, 2002;

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Tradução de asta-Rose Alcaide – Brasília: editora Universidade de Brasília. 2007.

SOUSA, Marcos Timóteo Rodrigues de. *População e ambiente: elementos demográficos na análise do território*. São Paulo: Plêiade, 2006. p 53 à p 57.

VENÂNCIO, M. *Território de Esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos no município de Catalão (GO)*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.